

SURPRESA & LÁGRIMAS

José Antônio de Ávila Sacramento

Acredita-se que a “Escola de Samba Depois Eu Digo” foi a pioneira do carnaval de São João del-Rei: ela foi criada em 1947 para poder se apresentar no carnaval do ano de 1948, e, muito provavelmente, o nome da escola não teve a sua origem na terra são-joanense, mas pode ter sido inspirada na denominação d’uma agremiação carnavalesca do Rio de Janeiro que é um pouco mais antiga: trata-se da “Escola de Samba Depois Eu Digo” do Morro do Salgueiro, criada em 1934 e que em 1953 fundiu-se com a “Escola Azul e Branco do Salgueiro” e deu origem à Escola de Samba Unidos do Salgueiro e, depois, à GRES Acadêmicos do Salgueiro, tal como hoje a conhecemos.

Dois sambas de enredo da Escola de Samba Depois Eu Digo, de São João del-Rei, marcaram época, ainda são muito cantados atualmente e trazem boas lembranças dos nossos antigos carnavais: “Lágrimas” e “Surpresa”, ambos creditados aos compositores Agostinho França (o “Dom Urubu”) e Roberto Wolbert (o “Roberto Pirulito”). A respeito da autoria do primeiro samba, não existe dúvida; sobre a autoria do segundo afloraram incertezas...

A “Escola de Samba Depois Eu Digo” mostrou-se no carnaval são-joanense do ano de 1948 com o samba de enredo “Lágrimas”. A história da composição é esta: Dona Maria, a mãe do Roberto Pirulito, havia falecido no final do ano de 1947; então, enlutado, ele desistiu de sair com a Escola no carnaval do ano seguinte. Assim, a “Depois Eu Digo”, apresentou-se com o dito samba, cuja letra é lamuriosa: “Lágrimas, que o Roberto derramou / Quando o apito entregou / Este ano ele não vai sair / Ele nos fez um pedido / Ele será atendido / Roberto, o apito ainda é seu... / Roberto, a nossa Escola não morreu / Roberto nos falou emocionado / Sinto não sair ao vosso lado / Mas vão, tá na hora do povo sambar / Nossa Escola não pode faltar / Nossa escola não morreu / Não morreu...”. Este samba “pegou”, como se diz popularmente quando uma composição faz sucesso, e ainda é muito cantado nos atuais carnavais são-joanenses.

Em 1949 (um pouco mais ou um pouco menos), certamente que com a intenção de evidenciar que tudo nesta vida tem um desfecho, a Escola de Samba Depois Eu Digo apresentou-se em São João del-Rei com o samba de enredo “Surpresa”, cuja criação sempre foi cercada de mistérios e muitas estórias: a atribuição da autoria do samba a Agostinho França e Roberto Wolbert acabou por ser envolta em polêmicas; eu cresci ouvindo conversas de que a letra e a melodia do samba foram surrupiadas dos “autores”; diziam até mesmo que a cantora Clara Nunes teria utilizado o samba indevidamente e que teria feito sucesso às custas dos compositores são-joanenses. Casos e mais casos revoltosos, românticos, engraçados, lamentosos e inconformados já foram contados sobre este pretenso episódio.

A letra do samba “Surpresa” é esta: “Não, não foi surpresa para mim / porque tudo na vida tem fim. / Eu esperei com resignação / o triste dia da separação. / Vai, meu amor / siga o teu destino / que eu seguirei o meu. Seja feliz Adeus. / Um prazer eu trago comigo / é que a Escola de Samba Depois Eu Digo / será sempre imitada, / mas nunca será igualada. / Não é?”.

Assim, intrigado com os boatos que sempre ouvi, eu comecei a buscar algumas informações sobre o possível episódio do “furto” do samba, já indignado e achando que este era mais um dos casos de coisas apropriadas por outrem em detrimento da terra são-joanense. Pesquisei, especulei, perguntei a fulano e a sicrano, e não consegui avançar na busca da verdade. Só mais tarde, quando li um livro de José Geraldo Dangelo, o Jota Dangelo, um dos mais entendidos, senão o mais entendido na história dos carnavais são-joanenses, é que eu soube da verdade.

Jota Dangelo, na página 179 do livro “Subsídios para a História do Carnaval de São João del-Rei” (São Paulo: Editora Atheneu, 2003, 312 p.), escreveu que “a autoria do samba ‘Surpresa’ esteve envolta num certo mistério (...) mas a primeira parte do samba não é de Agostinho França como se propala. É a primeira parte de um samba chamado ‘Tudo é Ilusão’ de dois compositores cariocas. Inclusive são conhecidas gravações do samba ‘Tudo é Ilusão’, a mais recente de Clara Nunes, de 1975. Conta Ginego [João da Cruz Magalhães] que em 47 e 48 Agostinho França estava trabalhando no Rio de Janeiro. Deve ter tomado conhecimento do samba nesta ocasião e divulgado a música em São João del-Rei, incluindo os versos da segunda parte. Aliás, a análise dos versos da segunda parte mostram, claramente, que eles não guardam qualquer relação com o tema da primeira parte. Musicalmente também. No entanto, basta escutar “Tudo é Ilusão” para perceber que a composição tem unidade temática perfeita, a segunda completando a primeira parte.

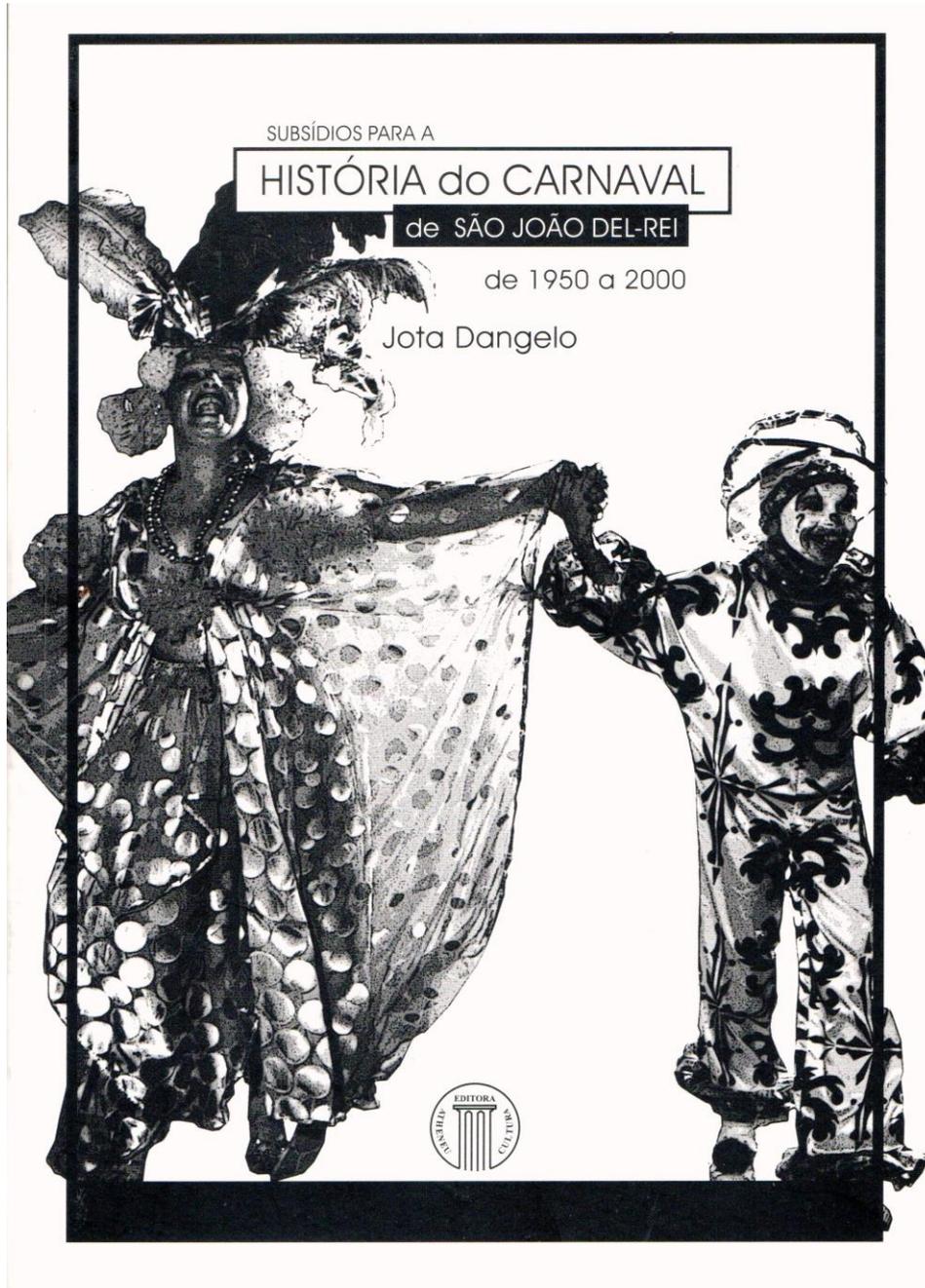
Jota Dangelo continuou a explicar: “criou-se em São João del-Rei a lenda de que alguém teria ouvido o samba de del-Rei e ‘roubado’ o samba de Agostinho França, uma hipótese sem qualquer consistência. Para tirar as dúvidas pedi a ajuda de Sérgio Cabral, um dos maiores conhecedores de música popular brasileira. Suas informações foram definitivas. O samba “Tudo é Ilusão” foi gravado pela primeira vez em 5 de outubro de 1944, pela cantora Odete Amaral, ou seja, quando Agostinho França nem sequer tinha começado sua carreira de compositor, seus autores eram bem conhecidos, Tuffi Lauer e Éden Silva”. Na discoteca da Rádio São João del-Rei, segundo Dangelo, havia e certamente ainda há uma antiga gravação de “Tudo é Ilusão”, feita por Ruy Rey e Orquestra, do Rio de Janeiro.

O samba “Tudo é Ilusão”, de 1944, que a cantora Clara Nunes gravou em 1975, tem a seguinte letra: “Não / Não foi surpresa para mim / Porque / Tudo na vida tem fim / Eu esperei com resignação / O triste dia da separação / Vai meu amor siga o teu destino / Que eu seguirei o meu / Seja feliz, adeus / Nada dura eternamente / Tudo na vida é ilusão / Eu sabia que mais cedo ou mais tarde / Chegaria o dia da separação”.

Então, fechando a questão, Jota Dangelo declarou que “está desfeito o mistério. ‘Surpresa’ pode ter sido o hino da Depois Eu Digo, mas, definitivamente, sua primeira parte não é de autoria de Agostinho França, que apenas acrescentou versos de partido alto na segunda parte.”.

Desta forma, as considerações vindas de Jota Dangelo e o testemunho de Sérgio Cabral funcionam como antídoto para o diagnóstico equivocado que foi criado para tentar fundamentar a subtração de um samba dos seus supostos autores são-joanenses e põe fim na circulação de rumores que, infelizmente, como sempre, encontra terreno fértil na sociedade; se dermos lastro a boatos, se não investigarmos, estórias

fantasiosas se propagam com muito mais facilidade do que os fatos reais, e a exposição romanceada dos acontecimentos é venenosa para a História. Eu, até outro dia, enquanto não me dispus a debruçar sobre o assunto, não duvidava do furto da letra e música do samba; carreguei comigo durante bastante tempo a triste ilusão de que a terra são-joanense havia sido maliciosamente usurpada, fato que, diante das argumentações expostas, configurou-se em lenda!



Reprodução da capa do livro de autoria de Jota Dangelo